



Ideias Acesas

Parte 2 : Charutos e Revolução em Cuba

Luiz Eduardo Simões de Souza

Em ocasião anterior, falamos do ambiente em que grassa o melhor tabaco do mundo: as planícies cubanas. Clima, solo, umidade, iluminação e vegetação parecem ser as principais razões naturais para o desenvolvimento da melhor variedade de *Nicotiana tabacum* do planeta.

Mas essas razões não bastam para explicar a diferença de qualidade entre os charutos das duas *Vueltas* e o resto do mundo. Existe uma história da estreita relação da ilha e do povo de Cuba com o tabaco. O que uma visão dessa história demonstra é que a melhoria das relações produtivas conduziu a uma situação melhor para todos, em geral. A história de Cuba, tomada de seu passado de ocupação espanhola em diante, reflete – ou recende, seria melhor dizer – um aperfeiçoamento constante na direção da excelência que hoje nos é oferecida.

Cuba e o Tabaco: História

O cultivo e o uso do tabaco na ilha são anteriores à chegada dos espanhóis. Com a colonização, estabeleceram-se propriedades fundiárias para o cultivo extensivo da planta e a produção artesanal dos charutos. Diferentemente do modo com que os habitantes originais da ilha lidavam com as folhas, enrolando-as em feixes rústicos, os colonizadores aprimoraram o feitio dos charutos, dando-lhes forma, volume, cor e variedade. É importante a essa altura sobrepesar que a qualidade técnica dos mestres vindos da Espanha e Flandres foi rapidamente apreendida e superada pelos locais. À qualidade do fumo, somou-se um aprimoramento artesanal na montagem e torcedura das bitolas, armazenadas em cedro, o qual acabou se tornando planta nativa, em alguns séculos de contrabando do continente.

É provável que o caráter artesanal da produção de charutos em Cuba colonial tenha contribuído para uma grande diferenciação e variedade no produto, no nível das casas torcedoras. Detalhes culturais e não apenas produtivos marcavam as diferenças entre tais casas. Por exemplo, um costume muito comum nas casas torcedoras era o emprego de *leedores*, trabalhadores que liam clássicos da literatura universal em voz alta para aliviar a tarefa repetitiva da montagem e torcedura de charutos. Essa prática deu nome a muitas variedades de charutos e casas torcedoras, que assumiam o nome de alguma obra, como por exemplo *Romeo y Julieta*, lida para entreter os trabalhadores durante sua tarefa repetitiva e entediante, que, ao contrário de fontes tão anônimas quanto equivocadas, não envolvia a participação de coxas roliças de belas mulheres nativas. Infelizmente, aliás.

O próprio tamanho da ilha parece ter evitado que as *companhias tabacaleras* adquirissem porte grande. Assim, estabeleceu-se em Cuba, desde o período colonial, no setor tabacaleiro, um regime de pequenas manufaturas semi-artesanais, que produziam com um grau de diferenciação que permitia a sobrevivência econômica de todas, ou quase todas, dada a demanda crescente do mercado europeu, e a excelência da matéria-prima. Isso permitia não apenas uma competição atenuada no campo dos custos entre tais empresas, mas também a possibilidade de cooperação e mesmo complementaridade, o que seria determinante para a vitalidade do setor, ainda hoje.

Tal vitalidade teria permitido às companhias assistir a vários processos históricos ocorridos na ilha, como as lutas de independência no início do século XIX, e a influência crescente dos EUA, no final do mesmo.

Apesar da extensa rede de contatos de distribuição – não havia tabacaria respeitável na Europa do século XIX que não tivesse contatos com fornecedores cubanos – os produtores locais nunca transmitiram o controle da terra ou do processo produtivo às companhias estrangeiras, por mais que estas insistissem ou forçassem sua presença.

Nesse campo, nem mesmo a Revolução de 1959 representou uma mudança de comportamento, senão uma continuidade dele. Preservar o território do interesse externo, como patrimônio não apenas nacional, mas da própria humanidade, parece ser uma sina mais do que antiga para os cubanos.

Quanto à posse dos meios produtivos, a história é outra. A Revolução de 1959 representou um temor apenas para os proprietários das terras e casas torcedoras, e não para os verdadeiros responsáveis pelos charutos, os trabalhadores. A estes, Fidel garantiu a posse coletiva dos meios, mantendo o caráter semi-artesanal da produção – com escala aumentada – sem, contudo, a presença de algum *saboteur* Vebleniano no processo. Ou seja, em Cuba, lugar das melhores variedades de charutos do planeta, estes são produzidos com o controle do processo pelos próprios trabalhadores, em benefício de todo o povo. E de quem tem o prazer de experimentá-los.

Em ocasião futura, desenvolveremos o caráter diverso e peculiar da indústria de charutos em Cuba, com sua grande variedade de marcas e feitios, os quais inspiram a inveja do mundo capitalista (com tentativas risíveis de sabotagem, inclusive) e admiração dos que apreciam o que é belo.